

## **A Inteligência Artificial no Letramento Acadêmico: Percepções, Ética e Práticas no Ensino Superior**

Flávia Teixeira Paixão de Farias

### **RESUMO**

Neste artigo, investigamos como um grupo de estudantes de ensino superior percebe os impactos do uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) no desenvolvimento do seu letramento acadêmico. O objetivo central é analisar os usos e as percepções dos alunos em relação ao uso dessas tecnologias nesse contexto. Em nossa fundamentação, recorremos aos conceitos de letramento acadêmico e digital; analisamos a evolução dos assistentes virtuais e refletimos sobre a ética. Justificamos a relevância do estudo diante do crescimento do acesso a tecnologias de IA e de suas implicações para o ensino superior. A pesquisa segue uma abordagem mista, com caráter exploratório e desenho fenomenológico, inspirada no trabalho de Díaz-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023). Coletamos dados de 23 alunos de uma universidade pública do Rio de Janeiro, por meio de um Google Forms. Os resultados apontam que os estudantes utilizam IA principalmente para organizar ideias, buscar informações e corrigir textos, embora tenham preocupações éticas e reconheçam limitações, como a dependência tecnológica e a qualidade das respostas. Concluímos que as IA possuem potencial para auxiliar o processo de desenvolvimento de leitura e escrita, mas seu uso exige desenvolvimento de habilidades críticas e éticas. O papel do professor é essencial na mediação desse uso consciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência Artificial; Letramento acadêmico; Letramento digital.

### **ABSTRACT**

In this article, we investigate how a group of higher education students perceives the impacts of using artificial intelligence (AI) tools on the development of their academic literacy. The main objective is to analyze students' uses and perceptions regarding these technologies in this context. In our theoretical framework, we draw on the concepts of academic and digital literacy, analyze the evolution of virtual assistants, and reflect on

ethical considerations. We justify the relevance of this study given the increasing access to AI technologies and their implications for higher education.

The research follows a mixed-methods approach, with an exploratory nature and a phenomenological design, inspired by the work of Díaz-Cuevas and Rodríguez-Herrera (2023). We collected data from 23 students at a public university in Rio de Janeiro through a Google Forms questionnaire. The results indicate that students primarily use AI to organize ideas, search for information, and proofread texts, although they express ethical concerns and recognize limitations such as technological dependence and the quality of responses. We conclude that AI has the potential to support the development of reading and writing skills, but its use requires the development of critical and ethical abilities. The role of the teacher is essential in mediating this conscious use.

**KEYWORDS:** *Artificial Intelligence; Academic Literacy; Digital Literacy*

## **Introdução**

Saber ler, escrever, interpretar, compreender o contexto no qual determinado texto se encontra e reconhecer seu gênero são algumas características do letramento de um indivíduo.

Segundo Kleiman (1995, p.18), letramento seria “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”, ou seja, algo que vai além da habilidade de ler e escrever, que envolve questões sociais, culturais e históricas de uma comunidade.

Uma vez que envolve contextos específicos, com seus respectivos objetivos, é possível compreender que o letramento desenvolvido na educação básica é diferente daquele necessário para o ensino superior. Pesquisadores têm observado, há algumas décadas, determinadas dificuldades que os discentes de faculdades demonstram em relação as habilidades de leitura, compreensão e escrita necessárias neste contexto (Zavala, 2009; Navarro, 2019; Díaz-Cuevas e Rodríguez-Herrera, 2023).

Viñas et al. (2023, p. 3) relatam que os avanços tecnológicos desde 2019 provocaram transformações nos hábitos de leitura e processos de escrita. Segundo os autores, leitura e escrita passaram a ser desenvolvidas através de reinvenções e novos

modos de compreensão e/ou abordagem. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais e aprimoramento de ferramentas de inteligência artificial (IA), estamos passando por mudanças sem precedentes no âmbito da educação. Elas acrescentam, então, a importância de refletir sobre essa transição que afeta o ambiente acadêmico, e sobre como as IA impactam esse contexto. As autoras destacam que, enquanto alguns demonizam essas tecnologias por possíveis impactos negativos, outros as encaram como uma oportunidade para repensar e adaptar práticas acadêmicas.

Neste artigo, temos como objetivo observar, analisar e refletir como um grupo de estudantes de graduação em Letras de uma universidade pública do Rio de Janeiro tem utilizado ferramentas de IA em suas práticas acadêmicas e quais são suas percepções sobre esse uso em relação à sua formação. Para isso, discutimos os conceitos de letramento, letramento digital, evolução dos assistentes virtuais, os possíveis impactos que trazem para o contexto educativo, os desafios e as potencialidades dos usos de IA generativas.

Para coletarmos os dados, elaboramos um formulário no Google Forms e 23 alunos responderam. Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa objetivando responder às seguintes perguntas:

- i) Em que medida os alunos utilizam ferramentas de IA para melhorar sua escrita acadêmica e organização de ideias?
- ii) Para quais atividades os alunos recorrem a essas ferramentas e com qual frequência?
- iii) Como os alunos percebem os impactos do uso de IA no desenvolvimento de suas habilidades de pensamento crítico e escrita?
- iv) Quais preocupações eles têm em relação ao uso ético dessas ferramentas?
- v) Como eles percebem que o uso frequente de IA pode influenciar a sua autonomia de aprendizagem?
- vi) Quais potencialidades e desafios eles veem no uso das IA?

Através dessa pesquisa, buscamos compreender não apenas as dinâmicas de uso dessas ferramentas pelos alunos, mas, também, os desafios e potencialidades que elas oferecem, segundo eles, para sua formação no ensino superior.

### **Fundamentação Teórica**

Street (1984, apud KLEIMAN, 1995) ao tratar de letramentos apresenta dois conceitos: o modelo autônomo e o modelo ideológico.

No modelo autônomo, o letramento é compreendido como uma habilidade neutra, universal e independente do contexto social. A escrita é vista como um produto completo e autônomo, desvinculado do contexto em que foi produzida. Nesse modelo, considera-se a oralidade como distinta e menos sofisticada, mantém-se uma visão dicotômica entre letrados e não letrados, sugerindo que o letramento conduz automaticamente ao progresso, correlacionando a aquisição da escrita ao desenvolvimento cognitivo e vendo as sociedades letradas como superiores.

Já o modelo ideológico considera que as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas. Não há um único tipo de letramento neutro; ele será plural e contextual, dependendo do ambiente em que for adquirido. Também estará relacionado às estruturas de poder e às diferenças sociais, como classe e autoridade.

A autora relata que se começou a usar o conceito de letramento no ensino superior com o objetivo de distinguir os estudos que tratavam sobre o impacto social da escrita dos que analisavam a alfabetização. Essa estaria mais relacionada aos contextos escolares enfatizando as competências individuais no uso e prática da escrita.

Nesse contexto, pesquisadores se empenharam e se empenham para refletir sobre os letramentos, Lillis e Scott (2007, p.1) relatam que os estudos voltados aos letramentos acadêmicos se desenvolveram a partir da década de 90 no Reino Unido. As autoras citam que o termo letramento acadêmico (no singular ou plural), às vezes, era utilizado de forma mais simplificada se referindo a leitura / escrita / textos em contextos acadêmicos, mas que um dos objetivos chaves do seu artigo era estabelecer um espaço onde o termo fosse tratado como campo de investigação. Lillis e Scott (2007) trazem, então, questões sobre como surgiu a preocupação com o letramento no ensino superior, quais fatores levaram a isso e como estavam os estudos sobre o tema.

Segundo as autoras, a preocupação com o letramento acadêmico começa em resposta à expansão do ensino superior a partir das décadas de 1970 (nos Estados Unidos), 1980 (Reino Unido) e 1990 (África do Sul), o que ocasionou um aumento significativo no número de estudantes ingressando nas universidades, incluindo grupos historicamente excluídos, resultando em uma maior diversidade linguística, social e cultural dos

discentes, o que trouxe desafios para as práticas acadêmicas tradicionais. A partir desse momento, a escrita dos alunos passou a ser vista como um reflexo das “quedas nos padrões educacionais”, gerando discursos públicos e institucionais focados no déficit linguístico dos estudantes.

Lillis e Scott (2007) relatam que a abordagem inicial para lidar com os problemas percebidos na escrita acadêmica era frequentemente remediativa e técnica, o que poderíamos relacionar à visão de letramento autônomo de Street (1984, apud KLEIMAN, 1995). No entanto, pesquisadores começaram a questionar essa visão, propondo que a escrita acadêmica deveria ser analisada como uma prática social complexa e situada, e não apenas como uma habilidade técnica, o que podemos relacionar com o letramento ideológico (Street, 1984, apud KLEIMAN, 1995).

Ainda neste contexto de letramento acadêmico, Navarro (2019, p.3) cita Carlino (2013) para tratar dessa expansão do acesso à universidade na América Latina que fez com que se multiplicassem as iniciativas de ensino e leitura no contexto acadêmico, além da criação e expansão de programas e unidades de apoio ao aprendizado. Com base nos artigos de Díaz-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023), que tratam sobre a Colômbia, Navarro (2019), que analisa a América Latina, e Zavala (2009), que aborda a realidade no Peru, observamos que as dificuldades na escrita, no letramento acadêmico, ainda são uma realidade, que segue sendo estudada e que especialistas e pesquisadores estão analisando e fazendo propostas para mudar e melhorar esta realidade.

Com esta preocupação de como auxiliar os estudantes do ensino superior a desenvolverem seu letramento acadêmico e a constante evolução das tecnologias digitais, Días-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023) realizam uma pesquisa analisando se o uso de inteligências artificiais (IA) poderia auxiliar estes alunos. Os autores, por meio de formulários e entrevistas, analisam o conhecimento e uso desse tipo de ferramenta por alunos que fazem parte de uma disciplina voltada para auxiliar o desenvolvimento da sua leitura e escrita na Universidade Nacional da Colômbia (Curso Nivelatorio de Lectoescritura). Através das suas observações, os autores levantam reflexões sobre as potencialidades e dificuldades que as IA poderiam trazer ao serem usadas pelos alunos do ensino superior.

### A evolução dos assistentes virtuais

Segundo Gatti (2024, p.55), toda revolução tecnológica induziu mudanças cognitivas. Ele traz o exemplo do princípio alfabético criado pelos gregos, que desenvolveria o sistema de escrita, e menciona, entre as críticas de Sócrates, que escrever seria enfraquecer a memória, uma vez que já não teria mais o exercício de memorização das histórias, aprendizados, ao ser possível recorrer ao que tivesse sido escrito. Segundo o autor, através do conhecimento sobre plasticidade neuronal que se tem atualmente, pode-se inferir que a escrita teria provocado uma diminuição da capacidade de armazenamento da memória semântica. Isso teria acontecido por ter ocorrido uma delegação cognitiva, ou seja, o trabalho que o cérebro tinha de memorizar passou para a escrita. A pessoa já não teria a preocupação de memorizar, pois sabia que quando quisesse recordar, bastaria ler o que foi escrito. Entretanto, assim como ocorreu com o surgimento da escrita – que, ao delegar parte da memória à palavra escrita, também fortaleceu o cérebro – o uso das inteligências artificiais generativas pode levar ao desenvolvimento de novas formas de pensar. O autor cita, também, a invenção da imprensa que possibilitou a massificação do acesso à cultura escrita, até chegar às inteligências artificiais.

Pareja Arredondo, Carrasco Taipe e Aquino Cruz (2024) trazem em seu artigo “*Revisión sistemática de la evolución de los asistentes virtuales: desde los primeros Chatbots hasta la IA conversacional*” como se deu a evolução dos assistentes virtuais. Os autores fazem uma tabela mostrando os assistentes, quando foram criados e quais eram suas capacidades e inovações.

**Figura 1** – Evolução dos assistentes virtuais, capacidade e inovações

Asistente	Año de Lanzamiento	Tecnología Clave	Capacidades	Eficiencia de Respuesta
ELIZA	1966	Patrones de coincidencia de palabras	Respuestas predefinidas y básicas	Baja (limitada a scripts preprogramados) [9]
PARRY	1972	Modelado emocional básico	Simulación de pensamiento paranoico	Moderada (limitada a contexto psiquiátrico) [11]
ALICE	1995	AIML (Artificial Intelligence Markup Language) Procesamiento del lenguaje natural y aprendizaje automático	Procesamiento de lenguaje natural limitado	Moderada (reglas predefinidas) [12]
Siri	2011	Redes neuronales profundas y aprendizaje continuo	Interacción contextual y comandos	Alta (aprendizaje supervisado) [13]
Alexa	2014	Transformers y modelos de IA generativa	Aprendizaje y adaptación a usuarios	Muy alta (aprendizaje no supervisado) [14]
ChatGPT	2020		Conversación coherente en tiempo real	Muy alta (respuestas personalizadas) [10]

**Fonte:** Pareja Arredondo, Carrasco Taipe e Aquino Cruz (2024, p. 34 e 35)

Como é possível observar, a tabela traz um panorama dessa evolução tecnológica, começando com a ELIZA criada em 1966 chegando ao que temos de mais atual que é o ChatGPT e seus similares. Segundo os autores, ELIZA foi o primeiro programa criado com o objetivo de simular uma conversa focada numa conversa terapêutica, ela simulava ser uma psicóloga para o usuário. Foi a primeira tentativa em fazer uma máquina processar a linguagem natural, entretanto, com uma tecnologia bem básica existente na época, como padrões de coincidência de palavras limitando sua eficiência e aplicação a contextos específicos, predeterminados e limitados. Já ALICE, lançado em 1995, trouxe uma linguagem de marcação de inteligência artificial que permitiu um processamento de linguagem natural mais avançado, mas ainda restrito a regras predefinidas.

Em 2011, com a chegada da Siri, e, em 2014 com a da Alexa, os autores retratam que houve uma transição para modelos de aprendizado automático e redes neurais profundas, que tornaram os assistentes virtuais mais adaptáveis e eficientes. Esses avanços culminaram no desenvolvimento de modelos de IA generativa, como o ChatGPT em 2020, que são capazes de produzir respostas personalizadas e conversações mais naturais em tempo real.

Gatti (2024), pensando nas IA generativas, citando sempre o ChatGPT, traz reflexões sobre se essas ferramentas são capazes de habilitar, restringir ou modificar nossa mente de alguma forma. Para o autor, uma das principais preocupações é a delegação de tarefas cognitivas à IA. À medida que as pessoas confiam cada vez mais na IA para escrever e analisar, existe o risco de externalizar o pensamento crítico e a reflexão. Isso poderia levar a uma diminuição do envolvimento com processos cognitivos complexos que são essenciais para uma compreensão profunda e aquisição de conhecimento

Entretanto, assim como no processo do surgimento da escrita, onde ao mesmo tempo que houve uma delegação cognitiva, ocorreu, também, um empoderamento do cérebro, com os usos das inteligências artificiais generativas outras formas de pensar poderão ser desenvolvidas. Segundo Gatti (2024), o envolvimento com ferramentas de IA pode levar os usuários a repensarem suas abordagens de resolução de problemas e criatividade. Essa interação pode encorajar os usuários a exercitarem suas habilidades cognitivas de novas maneiras, potencialmente aprimorando suas habilidades de

pensamento. Para ele, ao participar de conversas com a IA, os usuários são solicitados a articular seus pensamentos, questionar suposições e explorar diferentes perspectivas. Essa interação incentiva um envolvimento cognitivo mais profundo e uma reflexão sobre suas ideias. E, pode promover, também, habilidades metacognitivas, nas quais os usuários refletem sobre seus próprios processos de pensamento. Por exemplo, quando os alunos comparam suas respostas com as geradas pela IA, eles podem avaliar a eficácia de seu raciocínio e identificar áreas de melhoria. Essa prática reflexiva pode aumentar sua capacidade de pensar criticamente sobre seu próprio trabalho e as informações apresentadas a eles.

Contudo, para que essas habilidades sejam desenvolvidas e / ou fortalecidas, faz-se necessário que o usuário saiba utilizar essas ferramentas e tenha orientações para realizar essas reflexões e análises. Gatti (2024, p. 57) diz que o avanço da cultura digital deve funcionar como um convite a reflexão sobre a prática docente. Ele pergunta se “faz sentido exigir a presença de um aluno em uma aula expositiva que não promove a participação dos alunos entre si e com o docente.<sup>1</sup>” (Gatti, 2024, p. 57, tradução própria), ou seja, com as IA podendo escrever textos pelos discentes, é preciso, cada vez mais, incentivá-los para que debatam, argumentem, reflitam, desenvolvendo assim seu senso crítico, sua argumentação, sua capacidade de refletir e encontrar respostas. Dessa forma, o aluno vai se capacitando para usar as ferramentas de IA de forma consciente.

### **Letramento digital**

Para que os alunos possam lidar melhor com os usos de ferramentas digitais, faz-se necessário que, além do letramento acadêmico, eles desenvolvam um letramento digital.

Gilster (1997, apud Souza, 2007, p.59), define o termo “letramento digital” como “habilidade de entender e usar informação em formatos múltiplos de uma vasta gama de fontes quando esta é apresentada via computadores” (p.1). O autor deixa claro que o objetivo era dominar ideias, e não apenas o uso do computador e suas teclas.

No mesmo livro, o autor apresenta quatro competências necessárias para um letramento digital que seriam: a) fazer uma avaliação crítica das informações encontradas na internet; b) desenvolver a capacidade de ler em um modelo não linear ou hipertextual;

---

<sup>1</sup> No original: “¿tiene sentido exigir pre sencialidad a un alumno cuando asiste a una clase expositiva que no promueve la participación de los alumnos entre ellos y con el docente?”



c) saber relacionar as informações das diferentes fontes, gerando um aprendizado; d) ter a habilidade de fazer buscas no que o autor denomina como “biblioteca virtual”. Observamos, portanto, que o autor já trazia uma noção de criticidade ao termo do letramento digital.

O autor traz o foco no uso da internet como um todo, mas podemos relacionar com o uso das IA generativas, uma vez que o aluno precisa, sim, fazer uma avaliação crítica do texto criado ou informações fornecidas, precisa, além de ler o que foi dado, relacionar com seus conhecimentos, com outras leituras (sejam físicas ou virtuais), não utilizar apenas uma IA, mas conferir as informações em outras fontes e saber lidar com todo o conteúdo recebido.

Entretanto, para se desenvolver no aluno mais este letramento, o docente também terá que tê-lo e, para isso, é preciso que o professor saiba lidar com estas ferramentas. Como é algo muito recente, o ideal seria que formações continuadas sobre o tema fossem oferecidas ao grupo de docentes e que professores compartilhassem suas experiências de uso para que juntos aprendessem de forma colaborativa.

### **Potencialidades e desafios do uso das IA no campo da educação**

Para Farias (2023, p. 80), a tecnologia dos assistentes virtuais, iguais ao ChatGPT, “tem o potencial de revolucionar positivamente a escrita acadêmica.”, entretanto, ele ressalta a importância maior do que nunca de sermos éticos ao usar essas ferramentas em auxílio a nossa produção acadêmica. O autor elenca potencialidades e desafios atrelados ao uso das IA.

**Tabela 1 – Benefícios e desafios do uso de IA (Farias, 2023)**

<b>Potencialidades</b>	<b>Desafios</b>
Pesquisar e escrever artigos.	Manter a ética ao usar a ferramenta.
Identificar e agrupar fontes relevantes.	Possibilidade de manipular resultados de pesquisa.
Auxílio na revisão e edição de texto.	Manter a veracidade, autenticidade, originalidade e integridade científica.

Geração de conteúdo automatizado  
(resumos de artigos científicos, resenhas de  
livros).

Análise de dados e identificação de  
padrões.

---

**Fonte:** Elaboração própria

Ao apresentar as potencialidades, o autor destaca o ganho de tempo que o aluno teria com a utilização dessas ferramentas e, também, a melhoria que o texto teria. Entretanto, esclarece que é necessário deixar transparente os usos feitos, para que seja algo ético e responsável. Ressalta que a IA não pode substituir a escrita acadêmica humana, o acadêmico precisa ser o responsável pela veracidade dos dados e originalidade dos conteúdos.

No final do texto, o autor afirma que estamos vivendo o futuro e que não é necessário pânico, o que nos parece interessante, porque de fato, algo tão revolucionário e novo, pode assustar a muitos e fazer com que rechacem esta tecnologia. Contudo, acreditamos que seja fundamental conhecer estas ferramentas, aprender a lidar com elas e utilizá-las de forma consciente.

Viñas et al. (2023, p. 10) também trazem diversas vantagens no uso do ChatGPT tanto na escrita quanto na leitura, entretanto, ressaltam uma outra questão muito importante que é o risco do usuário ficar dependente da tecnologia e confiar apenas nas respostas do assistente virtual que nem sempre são de fato confiáveis e podem não ter caráter científico e acadêmico. Segundo as autoras, é preciso que o uso seja feito com o desenvolvimento das próprias noções de pensamento crítico, criatividade e habilidades de escrita e leitura.

### **A ética no uso das inteligências artificiais**

Em muitos ambientes nos quais participamos, trabalho, igreja, sala de aula, até em redes sociais, fala-se sobre ser ético, e os textos citados sobre o uso das ferramentas de inteligência artificial também relacionam esse termo a esse contexto. Segundo o dicionário Michaelis Online, uma das definições de ética é:

Ramo da filosofia que tem por objetivo refletir sobre a essência dos princípios, valores e problemas fundamentais da moral, tais como a finalidade e o sentido da vida humana, a natureza do bem e do mal, os fundamentos da obrigação e do dever, tendo como base as normas consideradas universalmente válidas e que norteiam o comportamento humano.

Quais devem ser, portanto, os princípios e valores que devem nos nortear ao usar uma ferramenta de IA? Qual o nosso dever diante desse uso? Como seria um bom ou mal uso? Em quais situações utilizá-la? Quando citar que a utilizamos? O texto que o chat gera através do meu pedido é meu? Ele tem dono?

Segundo Gómez Cárdenas, Fuentes Penna e Castro Rascón (2024, p. 3253), o principal desafio ético relacionado ao uso da IA na educação e na pesquisa é garantir que ela seja empregada como uma ferramenta para alcançar objetivos educacionais e científicos, sem substituir a capacidade humana de aprender ou investigar. Além disso, os autores destacam que o uso ético da IA no aprendizado e na geração de conhecimento exige atenção, especialmente diante do aumento de práticas como plágio e fraude acadêmica, que têm se tornado mais comuns nesses contextos.

Diante da facilidade de ter um texto todo gerado pela IA, muitos usuários podem acabar decidindo por utilizar o texto por completo, assumindo que foi escrito por ele e não pela máquina. Ao ser questionado poderia responder que não copiou de um ser humano, contudo, se não foi o cérebro dele que fez todas as conexões para gerar aquele texto, o material apresentado não é de sua autoria.

Viñas et al. (2023, p. 11) tratam sobre o tema e relatam que as inquietudes que trouxeram eram um convite para refletir se o uso da IA será para auxiliar e ser usada de maneira ética ou se será empregada para fazer plágios, falsificações ou manipular informações de um trabalho acadêmico.

Na tabela apresentada acima com potencialidades e desafios do uso das ferramentas de IA, também mostramos que Farias (2023) levanta essas questões exatamente como preocupações fundamentais sobre esses usos: possibilidade de manipular resultados de pesquisa; preocupação em manter a veracidade, autenticidade, originalidade e integridade científica.

Díaz-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023, p. 37) também apresentam a questão da ética em seu artigo e mostram que os participantes da pesquisa demonstraram essa preocupação, com frases como “*Me parece desonesto*”, e “*podría verse un poco como plagio o algo simplemente copiado y no redactado por mí*”.

Concluimos, então, a parte de fundamentação teórica deste trabalho, ressaltando a importância de se tratar sobre ética ao trabalhar o tema em questão e observar qual a visão que os participantes da nossa pesquisa têm sobre isso. O avanço tecnológico é algo que, provavelmente, nenhum professor ou instituição conseguirá parar, mas debater com os alunos sobre isso, fazê-los refletir é algo fundamental e faz parte do letramento digital que devemos desenvolver também no ensino superior.

### **Metodologia**

A escrita deste artigo foi inspirada no artigo “*Usos de la Inteligencia Artificial en la escritura académica: experiencias de estudiantes universitarios en 2023*”, em que Díaz-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023) analisam o uso das IA em um contexto colombiano. A partir de sua leitura, decidimos analisar como estaria esta questão em uma universidade pública do Rio de Janeiro. Sobre sua pesquisa, as autoras ao tratarem sobre a metodologia relatam:

Esta investigación se constituye como un estudio mixto con un diseño fenomenológico, dado el interés en indagar las experiencias de los estudiantes de los CNLE en torno al uso y apropiación de las Inteligencias Artificiales en la escritura. Además, se perfila con un alcance exploratorio (Hernández et al., 2014), en atención a examinar las posibilidades de uso de las Inteligencias Artificiales en los contextos de escritura académica universitaria dado que, tal como lo evidenció la literatura, las experiencias en el tema todavía son pocas y se ubican principalmente en el escenario preuniversitario (Schmohl et al., 2020). (Díaz-Cuevas; Rodríguez-Herrera, 2023, p. 30)

Assumimos neste trabalho o mesmo perfil de estudo, pois será um estudo misto, analisando os dados de forma quantitativa e qualitativa, com desenho fenomenológico, ou seja, onde observamos o fenômeno (uso das IA) através das percepções dos seres

envolvidos. Além disso, mantendo o caráter exploratório, uma vez que, no Brasil também há poucos estudos sobre o tema.

Para realizar nossa pesquisa, elaboramos um questionário do Google Forms com diferentes tipos de perguntas com objetivos distintos:

i) Recolher dados pessoais, com intuito de saber quais características teria o grupo analisado.

ii) Saber se eram alunos que tinham dificuldades com o letramento acadêmico, uma vez que diferente do estudo supracitado, no nosso, o público não cursava uma disciplina específica para alunos com dificuldades na leitura e escrita nesse contexto.

iii) Identificar qual o conhecimento que tinham das ferramentas de IA.

iv) Mensurar com qual frequência utilizavam IA e com quais objetivos.

v) Analisar percepções sobre o impacto da IA no desenvolvimento de habilidades acadêmicas, do seu aprendizado e da sua autonomia para aprender.

vi) Analisar opiniões sobre ética, plágio e limitações percebidas no uso de ferramentas de IA.

Após a elaboração do questionário, divulgamos seu link em grupos de alunos da graduação, solicitando respostas. Dessa forma, obtivemos 23 participações.

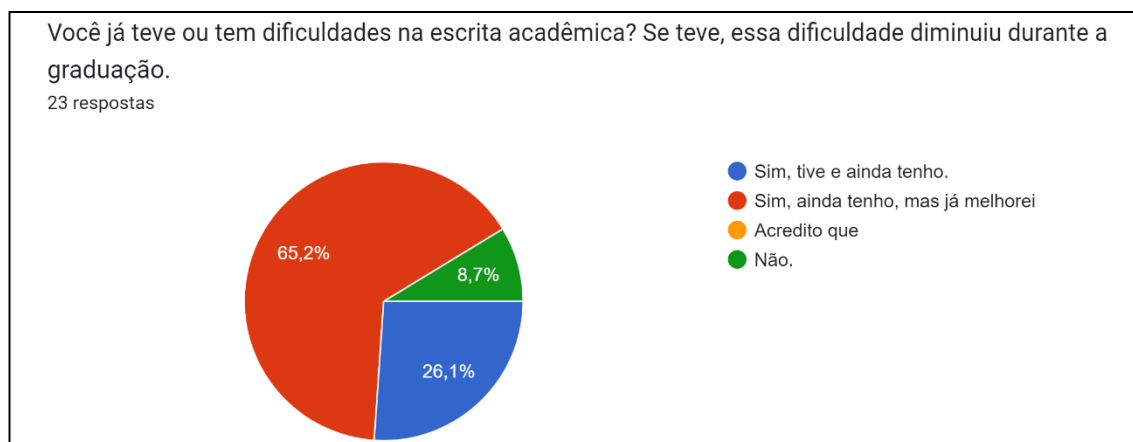
Dessas 23 pessoas, 17 eram mulheres, 4 homens e 2 que se identificaram como tendo outro gênero. As idades variaram entre 18 e 29 anos, sendo 6 pessoas com 19 anos. Apenas uma pessoa não era da graduação de Letras Português-Espanhol, era do curso Português-Francês.

## **Resultados**

### **1. Dificuldades com a escrita**

Como supracitado, no formulário, colocamos perguntas que pudessem nos fornecer dados em relação aos alunos terem ou não dificuldades com a escrita acadêmica.

**Gráfico 1 – Dificuldades na escrita acadêmica**

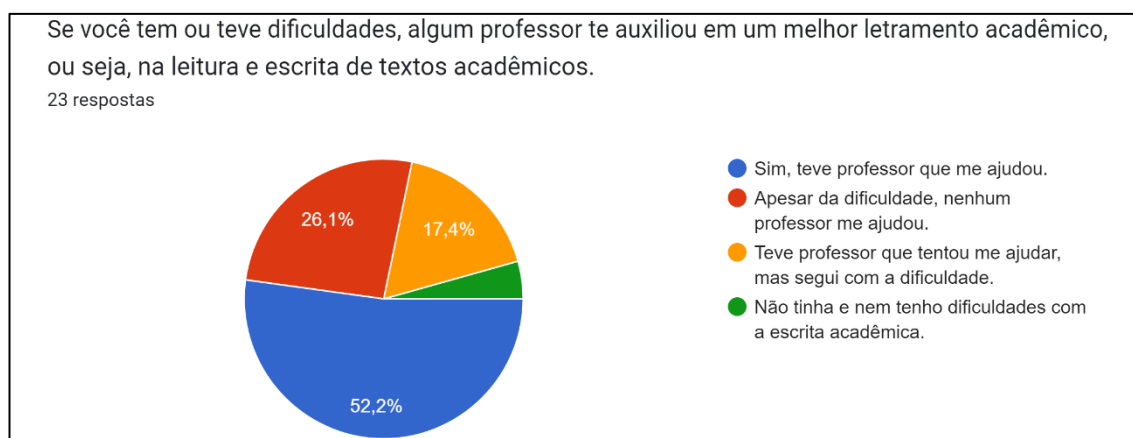


**Fonte:** Google Forms

Sabemos que o número de pessoas que responderam o formulário é pequeno, entretanto, diante deste nosso pequeno retrato dessa faculdade, conseguimos confirmar o que os estudos citados (Días-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023); Navarro (2019); Zavala (2009)) traziam, que a grande maioria dos alunos enfrentam ou já enfrentaram dificuldades na escrita acadêmica. Como podemos ver, apenas 8,7% disseram que nunca tiveram dificuldades, o que, em números reais, equivale a apenas dois discentes. Já 65,2% têm e seguem tendo e 26,1% acreditam já ter melhorado<sup>2</sup>.

Ainda pensando nas dificuldades, fizemos a seguinte pergunta:

**Gráfico 2 – Auxílio do docente na melhoria da escrita**



**Fonte:** Google Forms

<sup>2</sup> Ao fazer a análise, encontramos uma falha no questionário em relação a esta pergunta: uma opção de resposta estava incompleta e deveria ter sido excluída, ficou apenas aparecendo “acredito que”.

Observamos que a maioria, 69,6% dos alunos, teve auxílio de algum professor para melhorar sua escrita, entretanto, 17,4% relatam que, mesmo com a ajuda, seguiram com suas dificuldades. Seis alunos (26,1%) relataram que, apesar de suas dificuldades, nenhum professor os auxiliou<sup>3</sup>.

Ruiz-Miranda (2023), ao fazer uma resenha sobre o ChatGPT, afirma:

É possível sinalizar que uma das principais possibilidades de utilização em sala de aula é para melhor a atenção individualizada no ensino, pois a ferramenta pode se adaptar ao ritmo de aprendizado dos alunos, proporcionar explicações adicionais caso não compreendam um conceito específico explicado pelo professor, ou reformular as explicações tornando-as mais compreensíveis, reduzindo a complexidade das respostas sempre que solicitado. (Ruiz-Miranda (2023, p. 157, tradução própria)<sup>4</sup>.

Esse poderia ser, talvez, um dos usos aos quais os alunos que seguiram com dificuldades ou que não tiveram ajuda, teriam a possibilidade de recorrer. Entretanto, o autor, também, traz algumas dificuldades que seriam a necessidade de um treinamento adequado da IA e possíveis limitações que ela pode apresentar na compreensão de algum tema ou conceito muito específico.

É interessante ressaltar que na primeira pergunta, dois alunos responderam que não tinham dificuldades com a escrita acadêmica, entretanto, apenas um deles manteve a resposta de que nunca teve problema com a escrita acadêmica. O outro disse que já teve dificuldades e que o professor ajudou. Contudo, na segunda pergunta, nos referimos a leitura e escrita, então, não conseguimos identificar se a resposta foi contraditória ou se a ajuda oferecida foi em relação apenas a leitura acadêmica.

---

<sup>3</sup> Talvez, poderíamos ter perguntado, também, a percepção deles em relação a disposição dos professores a ajudarem nesse quesito, entretanto, como o foco maior era saber sobre o uso das ferramentas de IA generativas, acabamos não aprofundando mais sobre o tema.

<sup>4</sup> No original: “es posible señalar que una de las principales posibilidades de utilización en las aulas es para mejorar la atención individualizada de la enseñanza, esto debido a que puede adaptarse al ritmo de aprendizaje del alumnado y proporcionar explicaciones adicionales si no comprende un concepto específico explicado por el docente, o reformular las explicaciones haciéndolas más comprensibles, disminuyendo la complejidad de las respuestas cada vez que se le pida.”

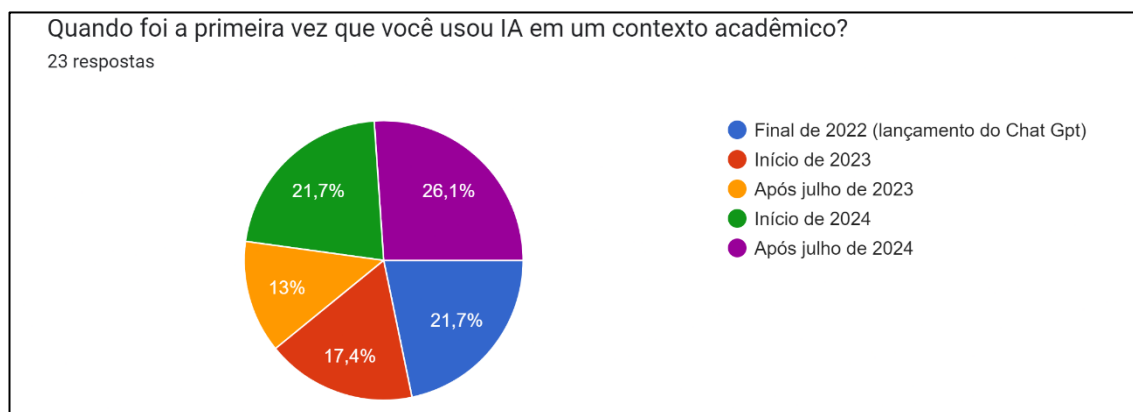
## 2. Conhecimento das ferramentas, finalidades e frequência de uso

Sobre o conhecimento que tinham dos assistentes virtuais de inteligência artificial, apenas uma pessoa disse não conhecer o ChatGPT, conhecendo apenas o Gemini, que é a IA do Google. Já 69,6% além do ChatGPT também conheciam o Gemini, uma pessoa conhecia o Copilot que é da empresa Microsoft e uma conhecia a Meta que é a assistente virtual da empresa Meta (que engloba o Facebook, Instagram, WhatsApp e Messenger).

Ao serem questionados sobre como conheceram essas ferramentas, colocamos quatro possibilidades de resposta: pelas redes sociais, colegas, professores ou “outros”. 60,9% disseram que através das redes sociais, 58,5% através de colegas, 4,3%, apenas um aluno conheceu através de professor. Já na opção “outros”, tivemos 8,6% conhecendo através das mídias e 4,3% (uma pessoa) o namorado que indicou.

Perguntamos, em seguida, quando o discente teve o primeiro contato com uma dessas IA em contexto acadêmico. Observamos que o ChatGPT foi lançado em 30 de novembro de 2022, o Copilot em 7 de fevereiro de 2023, a Meta AI em setembro de 2023 e o Gemini em dezembro de 2023.

**Gráfico 3** – Data do primeiro uso em contexto acadêmico



Fonte: Google Forms

É interessante observar que o número de alunos que usaram uma IA logo no lançamento é o mesmo de quem usou apenas no início de 2024, já 26,1% só foi utilizar em contexto acadêmico após julho de 2024. Como não tivemos tempo hábil para entrevistar esses discentes, não conseguimos identificar o que os levou a utilizar as ferramentas em determinado momento. Pressupomos, a princípio, que talvez aqueles que



iniciaram o uso apenas em 2024 não estivessem na faculdade quando as IAs foram lançadas. Entretanto, entre os que começaram a usar já no lançamento, temos alunos de 19, 20, 21 e apenas um de 25, o que sugere que até os mais novos já poderiam estar cursando a graduação em 2022. Dessa forma, não há um indicativo real que relacione o momento de uso com ainda não estar cursando a faculdade.

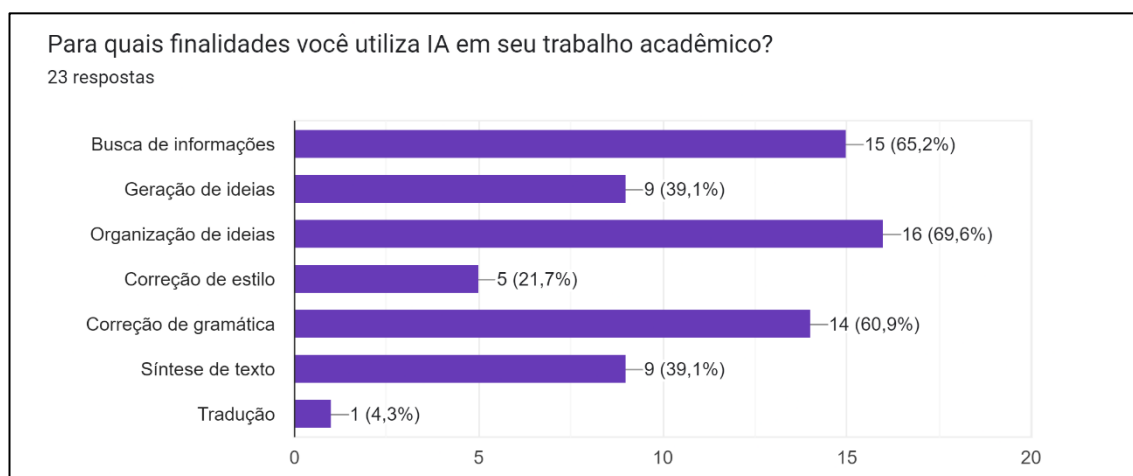
Acreditamos que possíveis motivos seriam: ainda não estava na faculdade, não conhecia a ferramenta, não sabia ou tinha receio de como utilizá-la ou não havia vontade de usá-la.

Quando questionados sobre quem incentivou esse primeiro uso, 56,5% disseram que eles mesmo tiveram essa iniciativa, a 26,1% um colega que sugeriu, 13% responderam que foi outra pessoa e apenas um aluno utilizou por indicação de um professor.

Observamos que, tanto na pergunta de quem apresentou a ferramenta para o aluno, quanto na que trata sobre quem sugeriu o primeiro uso, apenas um participante respondeu que foi o professor. Esse pequeno recorte, aqui analisado, sugere, portanto, que os docentes ainda não estariam trabalhando com seus alunos o uso consciente das ferramentas de inteligência artificial, desenvolvendo o letramento crítico deles.

Um dos nossos principais objetivos era analisar para quais finalidades os alunos utilizavam as ferramentas de IA e com qual frequência.

**Gráfico 4 – Finalidades de uso das IA**

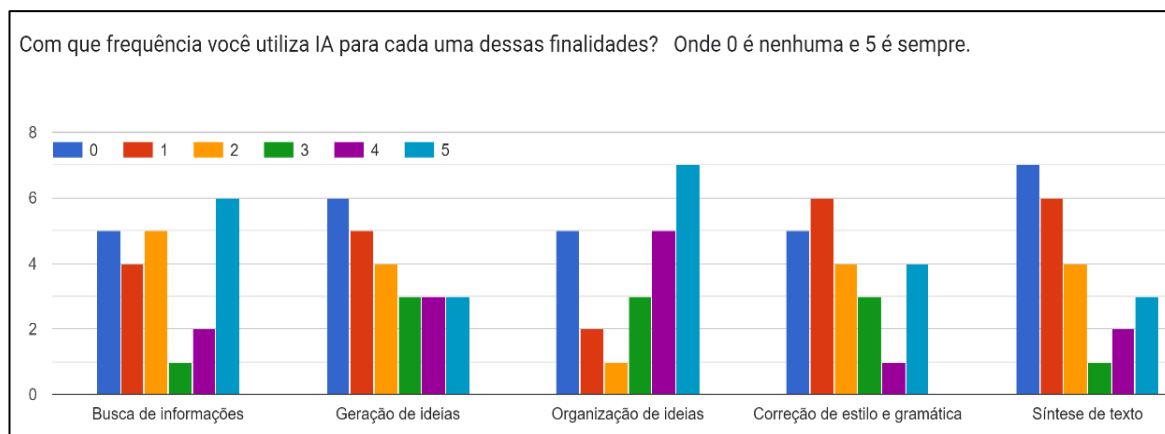


Fonte: Google Forms

Ao prepararmos esta questão do formulário, selecionamos opções de uso que haviam sido citadas nos textos que lemos sobre o tema e o discente poderia marcar quantos quisessem. Oferecemos sete opções de resposta, sendo a última “outros”. Apenas um participante escolheu esta e escreveu que utilizava para traduções. Em Días-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023), a autora também encontra essa possibilidade em número reduzido entre as respostas de sua pesquisa.

Como podemos observar no gráfico, os usos mais citados são para: organização de ideias, busca de informações e correção de gramática, contudo, se analisarmos a frequência desses usos, concluímos que oscila muito de um participante para outro.

**Gráfico 5 – Frequência de uso**



**Fonte:** Google Forms

Quando montamos essa escala, consideramos o 0 como nenhum uso, 1 como muito pouco, 2 seria pouco, o 3 retrataria que as vezes usa, 4 seria com frequência e o 5 quem utiliza sempre.

Ao analisarmos a finalidade que mais marcaram na questão anterior, organização de ideias, observamos que esse também é a finalidade que os participantes usam com mais frequência, uma vez que sete responderam que usam sempre, cinco com frequência, três utilizam às vezes, um pouco e dois muito pouco. É válido sinalizar que duas dessas pessoas que usam pouco, sequer marcaram essa opção na questão anterior, já que neste gráfico somam 18 pessoas e no de finalidades constavam apenas 16 participantes.

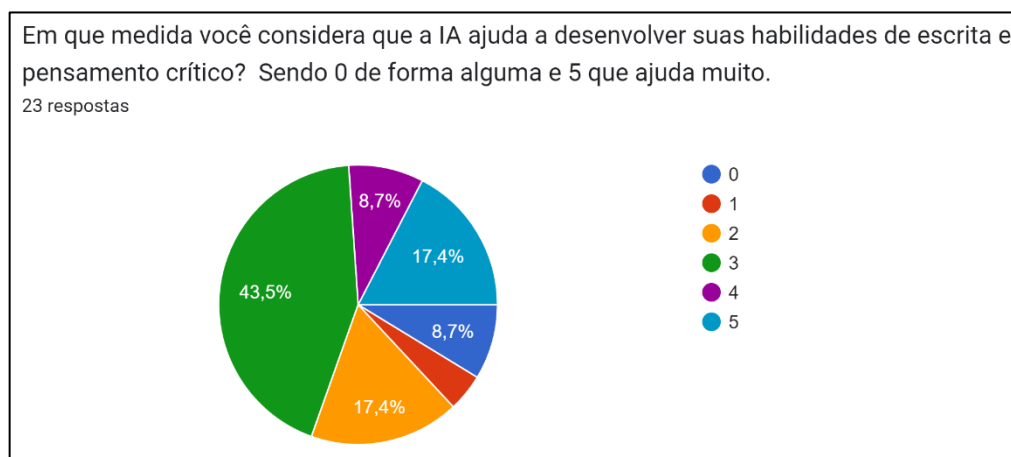
O mesmo ocorreu com os outros objetivos de uso. Na busca de informações, 15 pessoas marcaram que usaram, entretanto, ao marcar a frequência foram 18 que

declararam ter algum tipo de uso. A opção com maior discrepância foi a de síntese de texto, na qual nove participantes sinalizaram este uso, entretanto, 16 marcaram algum tipo de frequência, sendo apenas seis o número de alunos com utilizam mais. Supomos que essas diferenças de número entre as duas respostas ocorreram porque a pessoa marcou na questão anterior as opções que utiliza realmente com frequência, contudo, quando foram marcar sobre todas as opções disponíveis, levaram em consideração as que já tinham utilizado pelo menos uma vez. Uma vez que não conseguimos ter o desdobramento da pesquisa entrevistando esses discentes, não foi possível confirmar nossa hipótese.

### 3. Percepções do impacto da IA no desenvolvimento de habilidades acadêmicas, do aprendizado e da autonomia para aprender

As próximas perguntas foram feitas com o intuito de analisar as percepções sobre o impacto da IA no desenvolvimento de habilidades acadêmicas, do aprendizado e da autonomia para aprender.

**Gráfico 7** – A influência do uso das IA no desenvolvimento das habilidades de escrita e pensamento crítico



Fonte: Google Forms

Ao analisarmos o gráfico, observamos que mais de 66% dos participantes acreditam que a IA pode auxiliar, ainda que nem sempre, a desenvolver as habilidades de escrita e pensamento crítico. Já dentre os que acham que ajuda muito pouco ou nada, apenas dois participantes (P15 e P21) marcaram o 0.

A questão seguinte era para que explicassem a sua resposta. Dentre as pessoas que responderam a partir do número 3, temos explicações como: a IA abrir a mente ao trazer diferentes perspectivas (P5); a IA desafiar a fazer debates (P8); auxilia ao apresentar diferentes pontos de vista e dar dicas (P22). É válido ressaltar que dentre essas respostas, algumas destacaram que para que essas habilidades sejam desenvolvidas, o usuário precisa ter algum conhecimento prévio ou saber lidar corretamente com a ferramenta: *“ajuda bastante se você já tem um tipo de pensamento crítico e faz as perguntas certas.”* (P22).

Já os dois participantes que colocaram que o uso da IA não desenvolveria em nada, deram breves explicações, sem aprofundar sua opinião. O participante 15 disse, apenas, que não utiliza esta ferramenta com este intuito. Ao observar para quais finalidades ele usa, observamos que marcou “busca de informações”, “correção de gramática” e em uma de suas respostas disse usar para tradução também. É válido destacar que o aluno afirma ter dificuldades na escrita acadêmica e que nenhum professor o auxiliou; contudo, ele não explora a ferramenta em busca de auxílio nesse aspecto. Seria interessante ter conseguido saber por que não houve essa tentativa e comparar com os motivos de abstenção de uso que os participantes da pesquisa de Días-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023) apresentaram<sup>5</sup>.

Já o P21 opina que o uso da IA não desenvolve as habilidades de escrita e pensamento crítico porque todas as informações já são geradas pela IA. O aluno relata utilizar a ferramenta apenas para busca de informações e, mesmo com essa finalidade, a utiliza com pouca frequência. O aluno diz ter problemas com a escrita, mas mesmo sem auxílio de algum professor, ele já melhorou em relação a isso.

Para verificar o impacto da IA no aprendizado dos participantes, fizemos duas perguntas abertas sobre este tópico: *“Você acha que o uso frequente de IA pode prejudicar o aprendizado autônomo? Por quê?”* e *“Você acredita que o uso de IA influencia no seu aprendizado?”* Apesar de as perguntas serem parecidas, na primeira o foco era o prejuízo em relação ao aluno aprender sozinho, realizar as tarefas sem auxílio seja humano ou de um assistente virtual. Já na segunda, era saber se traz alguma mudança no aprendizado como um todo, seja positiva ou negativa.

---

<sup>5</sup> Sabemos que o P15 não se abstém de utilizar o IA, entretanto, talvez não a use com as outras finalidades por um dos motivos dados pelos participantes da outra pesquisa para se absterem do uso destas ferramentas.

Sobre o aprendizado autônomo, 15 participantes afirmaram que há prejuízo, 5 falaram que não, 3 disseram que depende. Os que responderam positivamente, em sua maioria, justificaram que isso ocorre devido à dependência que o usuário cria da ferramenta, ocasionando: *“o aluno fica inseguro em realizar estudos de forma independente”* (P2); *“a pessoa pode acabar não sabendo mais fazer as coisas sem o auxílio de algo ou alguém”* (P13); *“nos leva a não querer pensar”* (P16); *“esse ato de ter uma resposta muito rápida desestimula o pensamento crítico e a busca por outras fontes”* (P20); *“você não treina seu cérebro”* (P21); *“a gente aprende muito a como mandar a IA fazer e não a fazer nós mesmos”* (P22).

Já dos cinco que responderam que não há prejuízo, três relacionaram ao fato de que é preciso saber usar a ferramenta para que ela funcione e, por isso, não prejudicaria. Os outros dois justificaram relatando que a IA auxilia em tudo que eles pedem, acreditamos que aqui, talvez, possa não ter tido uma total compreensão de que a pergunta estava relacionada a um aprendizado autônomo, e, por isso, relataram em como a ferramenta os auxilia a aprender mais: *“Não. Porque o chat ajuda mais no ensino. Eu sempre tenho alguma dúvida e ele tira essa dúvida”* (P8); *“não sinto que me prejudica, pois ajuda a me sinalizar erros na fluidez, gramática, coerência, coesão, reduzir meus parágrafos, muitas vezes faço parágrafo muito grande”* (P14).

Entre os que responderam que depende, eles acreditam que haverá prejuízo se houver um uso excessivo: *“Eu acredito que o uso frequente de IA possa prejudicar o aprendizado, caso o usuário possua uma dependência excessiva”* (P9).

Em relação a IA influenciar no aprendizado, 18 participantes responderam que sim e explicaram de que forma influenciava, dando exemplos dos usos que fazem da ferramenta: *“consigo ver diversos assuntos com mais rapidez adiantando meu processo de pesquisa”* (P1); *“me ajuda a compreender melhor diversas regras gramaticais”* (P4); *“me permite gastar meu vocabulário e aprender palavras novas”* (P16); *“me ajuda a entender as coisas de forma mais simples”* (P19).

Um participante respondeu não saber se influenciava ou não: *“Não sei. Pode ser que com alguma informação que saia dali, eu busque mais coisas e me interesse, mas não tenho certeza.”* (P7).

Os outros quatro disseram que não influenciava, apenas um justificou porque não relatando que usa muito pouco esse tipo de ferramenta.

#### **4. A ética e o uso das ferramentas de IA**

As próximas perguntas tinham como objetivo analisar opiniões sobre ética e plágio no uso de ferramentas de IA.

Fizemos três perguntas objetivas sobre o tema: i) *“você já teve preocupações sobre a possibilidade de plágio ou sobre autenticidade de seus textos ao usar IA?”*; *“Em algum momento, um professor ou colega questionou a ética do uso de IA em seus trabalhos acadêmicos?”* e *“Na sua opinião, usar um texto gerado totalmente por uma IA deve ser considerado plágio?”*.

Em relação à primeira, 60,9% responderam que nunca tiveram essa preocupação. Infelizmente, não fizemos um desdobramento dessa pergunta, para saber quais tipos de preocupações os 39,1% que responderam sim já tiveram. Se já houve essa reflexão ou receio, será que a pessoa teria copiado um texto todo? Será que acredita que já copiando algo, sem ser transparente do uso ao futuro leitor, seria plágio ou algo sem ética? São questões interessantes para uma pesquisa futura.

Esse incômodo com o pedido de justificativa da resposta também se deu em relação à pergunta se algum professor ou colega já questionou a ética do uso da IA no trabalho do participante. Apenas 8,7% responderam que sim, o que seriam 2 participantes. Contudo, seria interessante saber em qual cenário houve esse questionamento.

Já em relação a se usar um texto gerado totalmente por IA deveria ser considerado plágio, pedimos explicação, contudo, não foi obrigatório, então, apenas sete alunos justificaram. Como resultado, 78,3% consideram que isso seria plágio.

Gómez Cárdenas, Fuentes Penna e Castro Rascón (2024, p. 3254 e 3255) tratam especificamente sobre a questão do plágio ao usar uma IA e traz toda a complexidade do tema que envolve questões relacionadas a: se o plágio é copiar algo de alguém, seria plágio copiar algo de um não humano?; a IA produz, reproduz, cria ou copia? citar a IA como geradora do texto bastaria para não ser plágio?; a IA cria trabalhos originais ou simplesmente reproduz estilos e ideias existentes?

Os autores, em suas conclusões (p. 3259), argumentam que a IA é “um meio e não um fim”, ou seja, é uma ferramenta para auxiliar na produção de textos, não um substituto para o talento humano. E que, se alguém apresenta textos gerados por IA como próprios pode ser considerado plágio sim.

Dos sete participantes da nossa pesquisa que justificaram sua resposta em relação ao tema, seis disseram que seria plágio e justificaram falando que a pessoa não produziu, não interveio, não analisou o texto, não há originalidade da parte do “autor”, portanto, seria plágio.

Uma das pessoas que marcou “sim”, trouxe a seguinte justificativa: *“Apesar de marcar “sim”, considero algo em aberto. Inclusive, a prova de inglês instrumental do mestrado falava exatamente sobre isso: por que um texto de IA seria considerado plágio, se efetivamente não plagiou nenhuma pessoa em específico?”*. O P23 traz a dúvida que Gómez Cárdenas, Fuentes Penna e Castro Rascón (2024) trabalham em seu artigo, a ideia de que se não foi um humano que fez, não se caracteriza plágio. Contudo, ela mesmo marcou que seria, demonstrando que ainda não tem sua opinião formada sobre a questão.

Sobre essa questão, ficamos com a conclusão que os autores trazem de que se a IA foi um fim e não um meio de auxílio, se o texto foi apenas copiado, caracterizaria sim plágio.

A única pessoa que justificou o seu “não” opina que: *“Não é considerado plágio porque a base de dados é do próprio criador, então dependendo da IA que você escolhe, não é de um endereço de internet. Muitas coisas são inventadas pela IA por correlações”*. Aqui, podemos analisar que o participante (P19) não considera o texto gerado pela IA plágio porque não teria copiado de ninguém. Contudo, caberia levá-lo a reflexão se, ao copiarmos esse texto da IA, nós não estaríamos cometendo plágio, já que utilizamos um texto já pronto, o que seria diferente da IA que pelo menos juntou diferentes informações da sua base de dados. Como argumentaram os outros participantes, se o usuário não interfere em nada, não traz outras ideias, informações, não faz mudanças, adequações, o texto não pode ser considerado seu.

Ainda sobre o tema da ética, fizemos a seguinte pergunta aberta: *“Em sua opinião, é ético usar IA para ajudar na redação de trabalhos acadêmicos?”*. Onze participantes responderam que sim (vários com restrições para esse “sim”), cinco responderam que não, seis responderam colocaram “depende” ou “sim e não”. Um participante deu uma resposta que consideramos um pouco sem sentido: *“Para buscar<sup>6</sup> de informações com fontes”* (P21), não conseguimos afirmar se o participante não entendeu a pergunta ou se ele acha ético apenas quando usada com esse objetivo de buscar informações.

---

<sup>6</sup> Mantivemos o erro de digitação do participante.

Dentre os participantes que responderam sim, temos diversas restrições para que de fato o uso seja considerado ético: “*com tanto que não faça a IA formular totalmente as respostas*” (P4); “*quando seja usada como uma ferramenta e não como uma geradora integral de texto*” (P6); “*se o usuário enxerga-la como uma ferramenta de apoio e não de base*” (P9); “*se utilizamos a IA para mostrar os erros*” (P14); “*desde que o texto seja de sua autoria, usar a IA para corrigir a ortografia é algo válido*” (P16); “*se for para ajudar a organizar ideias, contextualizar um texto*” (P17). Observamos que a ética está ligada ao uso da IA como suporte, sem substituir a contribuição do usuário.

Pareceu-nos interessante a justificativa do participante 1: “*Sim, pois você utilizar aquilo como base para sua construção é o que muitas vezes foi feito com livro no passado, porém a cópia é um problema de plágio.*” Aqui, ele deixa bem claro o uso da IA como fonte de pesquisa, o que tanto fizemos com os livros por séculos e séculos, entretanto, qualquer tipo de cópia seria plágio.

Válido, também, destacarmos a resposta do participante 23: “*Se ela servir como um suporte e não como uma fazedora de trabalhos acadêmicos, não vejo problema. Como dito, cabe ao aluno dominar o processo próprio de escrita e ter um pensamento crítico em relação à IA*”. Vemos que ele traz questões fundamentais para o uso das IA que é o usuário desenvolver suas habilidades de escrita (“*dominar o processo*”) e seu pensamento crítico, ou seja, mais uma vez, a IA como ferramenta, para auxiliar o ser humano e não para substituí-lo ou prejudicar sua criatividade e suas habilidades de ler, escrever, compreender.

Com relação aos cinco que responderam não, dois não justificaram. Um justificou de forma um pouco confusa: “*não exatamente, apenas quando não há outra opção, porque não é justo*” (P12). Ao analisarmos seu formulário, checamos que ele assume usar a ferramenta para busca de informações, organização de ideias e correção da gramática, o que sugere que, provavelmente, o que não acha ético está relacionado à parte de escrita. Contudo, na pergunta sobre a IA ajudar a desenvolver suas habilidades de escrita e pensamento crítico, de 0 a 5 ele respondeu 3, e, ao justificar, disse: “*Nem sempre ajuda, as vezes só estou com pressa*”. Dessa forma, não conseguimos entender exatamente o que ele quis dizer.

Outro participante justificou que não, pois o aluno fazer o próprio trabalho também é uma forma de aprendizado. O último a dizer “não” diz que não é ético a IA



gerar um trabalho sozinho e o indivíduo assumir como trabalho próprio, diz ser plágio e algo que não seria honesto com o professor. Entretanto, este mesmo participante diz que se for auxílio na correção ortográfica, ele não vê problemas éticos neste uso.

Os últimos seis participantes responderam “depende” ou colocaram “sim” e “não” na mesma resposta. E as justificativas envolviam para quais finalidades seria ético ou não: *“Na redação, sim e não. Acredito que somente na correção, proposta de redação, citações, etc. Mas não “ajudar” fazendo uma redação.”* (P8); *“se a IA for utilizada para especificar um tópico ou ajudar a compreender algo que não ficou muito claro, acho válido; mas se toda a redação for feita por meio de uma IA, já não acho válido”* (P20); *“não é ético se você pede ela pra fazer a redação pra você. Mas se você pergunta por exemplo: me diga um sinônimo de tal palavra. Eu acho ok.”* (P22).

Ao analisar esta última questão, podemos concluir que os participantes, em sua maioria, não condenam o uso das ferramentas de IA, não acreditam que seja algo antiético, contudo, o usuário precisa usá-la como auxílio e não como substituto de si mesmo, para fazer todo o seu trabalho. Confirmando o que vemos nos estudos já citados, a IA veio com a potencialidade de auxiliar significativamente alunos e até professores, no entanto, precisa ser utilizada com consciência, cuidado, honestidade, transparência, criticidade, para não ser antiético, cometer plágio ou prejudicar o desenvolvimento de suas habilidades de letramento acadêmico. Desenvolver o letramento acadêmico é um passo fundamental para alcançar esses objetivos.

Perguntamos aos nossos participantes se eles evitam o uso da IA em certas tarefas acadêmicas e que se a resposta fosse afirmativa, relatassem quais seriam e o porquê de evitarem. A maioria disse evitar, no total foram 16 participantes, 5 relataram não evitar, 2 não responderam “sim” ou “não”, apenas relataram quais usos fazem desta ferramenta, o que deixa em aberto se os outros usa ele evita por algum motivo ou simplesmente porque não vê necessidade de utilizar nos outros contextos.

Entre as justificativas para evitar determinados usos, temos respostas relacionadas:

a) tarefas que o chat não teria “capacidade”, não teria êxito em realizar: *“evito em artigos científicos e trabalhos literários, pois muitos termos acadêmicos não são compreendidos pela IA”* (P2); *“em matérias de Português, pois normalmente as respostas*

*são imprecisas e parcialmente desconexas com o conteúdo*” (P5); *“Há tarefas que não tem como utilizar a IA”* (P9).

b) não querer ficar dependente da IA, não prejudicar seu aprendizado: *“gosto de fazer sozinha”* (P12); *“busco aprender o conteúdo de fato ao invés de utilizar a IA”* (P17); *“acredito que sem auxílio consigo desenvolver e aprender”* (P18); *“porque acredito que muito uso da IA faz com que vc fique preso em usar sempre.”* (P21)

c) autenticidade: *“criação de texto (por conta da autenticidade)”* (P10); *“Faço isso porque acredito que essas questões deveriam apresentar as minhas opiniões, o meu ponto de vista, e não um relato de uma ferramenta artificial”* (P20).

d) evitar a IA de uma forma geral: *“Evito sempre, só uso quando realmente estou correndo contra o tempo na entrega de trabalho. É melhor do que não fazer e tirar zero”* (P22); *“Sim. Em todas”* (P23).

Houve cinco participantes que relataram não evitar o uso, como a questão pedia que apenas quem respondesse “sim” explicasse, apenas dois participantes justificaram o seu “não”. Um dos participantes relatou: *“Eu uso em tudo que eu preciso praticar exemplo: espanhol; uso pra me explicar matérias de forma mais resumida ou focando em um assunto que eu não entendi bem a matéria, etc. E assim vai. Uso com consciência.”* (P8). Já o outro disse: *“Não evito, pois sei até que ponto eu posso utilizar a IA”* (P9). Observamos que os dois trazem questões que envolveriam ter consciência do uso que se faz da ferramenta, como se pensassem *“uma vez que sei até que ponto é adequado utilizar, não precisaria evitar o uso em alguma atividade, e sim, utilizar em todas da forma correta, de forma consciente”*. Uma vez mais trazemos a questão da importância do letramento digital, pois quanto mais soubermos o que envolve este contexto das IA, o que seria ético ou não, de onde vem esses dados, o que pode acontecer com os dados que forneço, mais usaremos de forma mais adequada estas ferramentas.

## **5. Limitações das ferramentas de IA**

Para verificar as percepções dos alunos em relação as limitações das ferramentas de IA, perguntamos se já tinham encontrado erros e limitações nos resultados gerados pela IA. Apenas seis alunos responderam não ter encontrado, os outros 18 disseram que sim e relataram quais tipos. Erros e limitações como: *“tenta deixar uma ideia coerente e acaba modificando aquela ideia tornando-a incorreta ou superficial”* (P2); *“podem ser*

*vagos, eu incompletos, confusos, equivocados” (P3); “Respostas confusas e sem sentido” (P4); “informações não verídicas, traduções não precisas” (P5); “nem sempre me dá o que eu peço, por mais que eu tente explicar parece que tem limites” (P6); “na contabilização de palavras e caracteres” (P10) “se confunde com alguns comandos” (P16); “Erros de informação” (P21); “ela só fala sobre os assuntos de forma superficial e generalizada. quando não sabe uma resposta, ela inventa” (P22).*

Gostaria de destacar uma resposta: *“Sim, vários. Ele erra bastante, até. Se vc não tiver uma base sobre algo ele te dá a resposta errada. Por isso uso ele mais pra me auxiliar, e coisas que peço pra ele me explicar eu vejo se tá de acordo com a matéria do dia, por exemplo.” (P8).* Aqui, o participante ressalta aquilo que viemos repetindo durante o trabalho, a IA não deve substituir o ser humano, se o usuário não tiver algum conhecimento, não tiver criticidade, ele irá produzir informações erradas. Como observam Viñas et al. (2023, p. 10, tradução própria), *“é conveniente o emprego do ChatGPT sem perder a oportunidade de desenvolver as próprias noções de pensamento crítico, criatividade e desafio de escrita ou leitura. É fundamental avaliar as respostas geradas pelo sistema e revisar a exatidão do que expressa.”*<sup>7</sup>, os participantes da pesquisa puderam demonstrar que realmente é necessário ter esse tipo de uso dessas ferramentas de IA.

## **Conclusão**

Neste artigo, tentamos entender como as ferramentas de inteligência artificial (IA) estão mudando a forma como vemos o letramento acadêmico no ensino superior. Observamos que os estudantes usam essas ferramentas principalmente para organizar ideias, procurar informações e corrigir textos. No entanto, enquanto alguns alunos parecem conseguir aproveitar bem as potencialidades da IA, outros ainda enfrentam desafios, como temer se tornar dependentes das respostas geradas, ter prejuízos em seus aprendizados ou ter dificuldades em avaliar a qualidade e a precisão do que a ferramenta produz. Isso reforça a necessidade de práticas pedagógicas que orientem os alunos a

---

<sup>7</sup> No original: *“Es conveniente el empleo del ChatGPT sin perder la oportunidad de desarrollar propias nociones de pensamiento crítico, creatividad y desafío escritural o lector. Es clave evaluar las respuestas generadas por el sistema y revisar la exactitud de lo que expresa.”*

utilizar essas ferramentas como suporte, e não como substituto, para suas capacidades intelectuais.

Sobre a frequência de uso, notamos que, embora muitos estudantes utilizem a IA regularmente, a intensidade do uso varia conforme o objetivo. Por exemplo, a organização de ideias foi mencionada como a finalidade mais recorrente, com uma parcela significativa de alunos utilizando a IA “sempre” ou “com frequência” para essa tarefa. Em contraste, finalidades como a síntese de textos apresentaram oscilações maiores, indicando que o uso está condicionado às necessidades e níveis de confiança dos estudantes na ferramenta.

Quando olhamos para os resultados da nossa pesquisa, vimos que há preocupações com um uso ético pela maioria dos participantes. Muitos questionam a originalidade dos textos gerados pela IA e como isso impacta o seu desenvolvimento acadêmico. Pensando nisso, é interessante relacionar os conceitos de letramento autônomo e ideológico, como discutido por Street (1984, apud KLEIMAN, 1995). O uso da IA parece, muitas vezes, seguir o modelo autônomo, onde a escrita é tratada como uma habilidade técnica e universal. Mas, na prática, percebemos que o uso efetivo dessas ferramentas depende de uma abordagem mais ideológica, que considera os contextos sociais e culturais dos estudantes e incentiva uma postura crítica e reflexiva.

Comparando com os resultados de Díaz-Cuevas e Rodríguez-Herrera (2023), percebemos que os nossos não estão tão distantes. Eles também identificaram que, sem a orientação adequada, as IA podem acabar reforçando práticas pouco reflexivas. Reforçando, uma vez mais, a importância de desenvolver o letramento digital e acadêmico, que ajude os alunos a usar essas ferramentas de forma consciente e ética.

Refletimos sobre como as transformações tecnológicas estão impactando o ensino superior. Como Gatti (2024) apontou, tecnologias como a IA estão seguindo o mesmo caminho de mudanças que a escrita e a imprensa causaram no passado. Concluímos, então, que a IA tem muito potencial para ajudar no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas só se for usada com responsabilidade. O letramento autônomo, isoladamente, não é o suficiente. Precisamos incentivar o letramento ideológico, que valorize o contexto, a ética e a reflexão crítica. Além disso, professores têm um papel indispensável como mediadores desse processo, ajudando os estudantes a equilibrarem o uso da IA com o desenvolvimento da autonomia e da criatividade.

Neste artigo, tratamos um grupo bem pequeno de estudantes e acreditamos que é necessário que esse estudo se expanda mais e mais, com mais participantes e de forma mais aprofundada. Desejamos que haja mais estudos, debates e formações sobre esse tema, porque ainda há muito o que entender e melhorar para um uso realmente positivo, efetivo e ético dessas ferramentas de inteligência artificial.

## REFERÊNCIAS

DÍAZ-CUEVAS, Adriana Patricia; RODRÍGUEZ-HERRERA, Julián David. Usos de la Inteligencia Artificial en la escritura académica: experiencias de estudiantes universitarios en 2023. **Cuaderno de Pedagogía Universitaria**, v. 21, n.42, p. 25-44, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29197/cpu.v21i42.595>. Acesso em: 22/01/2025

FARIAS, Salomão Alencar. Pânico na Academia! Inteligência Artificial na construção de textos científicos com o uso do ChatGPT. **Revista Interdisciplinar De Marketing**, 13(1), 79-83, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rimar.v13i1.66865>. Acesso em: 22/01/2025

GATTI, Alberto. Alfabetización e inteligencia artificial. JONED. **Journal of Neuroeducation**. 2024; 5(1): 52-58.

GÓMEZ CÁRDENAS, Raúl; FUENTES PENNA, Alejandro; CASTRO RASCÓN, Aristeo (2024). El Uso Ético y Moral de la Inteligencia Artificial en Educación e Investigación. **Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar**, 8(5), 3243-3261. Disponível em: [https://doi.org/10.37811/cl\\_rcm.v8i5.13801](https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v8i5.13801). Acesso em: 23/01/2025.

KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995

LILLIS, Theresa; SCOTT, Mary (2007). Defining academic literacies research: issues of epistemology, ideology and strategy. **Journal of Applied Linguistics**, 4(1) pp. 5–32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1558/japl.v4i1.5>. Acesso em: 23/01/2025.

NAVARRO, Federico. Aportes para una didáctica de la escritura académica basada en géneros discursivos. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-32, 2019. Disponible em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/vXJm5CXhH3cYSCwFf6kZjWk/?lang=es>. Acesso em: 23/01/2025.

PAREJA ARREDONDO, Flor; CARRASCO TAIPE, Jaime; AQUINO CRUZ, Mario. Revisión sistemática de la evolución de los asistentes virtuales: desde los primeros Chatbots hasta la IA conversacional. **Micaela Revista De Investigación** - UNAMBA, 5(2), 33-39, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.57166/micaela.v5.n2.2024.154>. Acesso em: 23/01/2025

RUIZ-MIRANDA, Everardo. La revolución de la inteligencia artificial en la educación: una reseña de ChatGPT: <https://chat.openai.com/>. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, 10(1), 156-160, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/reipe.2023.10.1.9594>. Acesso em: 23/01/2025

SOUZA, Valeska Virgínia Soares. Letramento digital e formação de professores. **Revista Língua Escrita**, v. 2, p. 55-69, 2007. Disponível em: [https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita\\_2.pdf](https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/revista%20lingua%20escrita/LinguaEscrita_2.pdf). Acesso em: 23/01/2025

VIÑAS, Rossana; SECUL GIUSTI, Cristian; VIÑAS, Mariela; CAMMERTONI, Marisol. La escritura académica y el rol de la Inteligencia Artificial (IA). **Primer Congreso Internacional WEDUCI de Wikimedia, Educación y Culturas Digitales**. Universidad Nacional de La Plata, LA PLATA. 2023. Disponível em: <https://www.aacademica.org/marisol.anahi.cammertoni/46.pdf>. Acesso em: 23/01/2025

ZAVALA, Virginia. ¿Quién está diciendo eso? Literacidad académica, identidad y poder en la educación superior. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2008.